

AUTOMEDICAÇÃO ENTRE GRADUANDOS DAS ÁREAS DE SAÚDE E EXATAS DA FACULDADE CIÊNCIAS DA VIDA NA CIDADE DE SETE LAGOAS/MG

Alzira Das Mercês Lopes*

Liliane Cunha Campos da Mata**

RESUMO

Automedicação é o uso de medicamentos sem indicação de um profissional de saúde, sendo esse, um costume comum entre universitários. Este estudo justifica-se pela necessidade em conhecer grupos no meio acadêmico que tenham esse hábito, e objetiva avaliar a influência da área de formação na prática de automedicação. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, transversal, e descritiva composta por 200 alunos dos cursos de Administração, Engenharia Mecânica, Enfermagem e Farmácia da Faculdade Ciências da Vida. Os dados foram coletados através de questionário fechado e analisados por estatísticas descritivas, Teste de *Kruskall Wallis*, correlação de *Sperman* e Teste Exato de *Fisher*. A maioria dos alunos cursava o 1º período (21%) e pertenciam ao sexo feminino (66,5%). Do total avaliado 47,15% fizeram uso de medicamentos sem prescrição no último ano, e nesta questão foi observada diferença significativa ($p < 0,001$) entre respostas de alunos, pois 30% dos alunos de Engenharia fizeram uso de medicação sem prescrição de profissionais de saúde, enquanto que 46% dos alunos de Enfermagem medicaram-se apenas por meio de prescrições. 45% dos alunos de Farmácia e 38% dos alunos de Enfermagem se automedicam por influência da área de formação, ao passo que 17% dos alunos de Administração e 25% dos alunos de Engenharia Mecânica são influenciados por familiares e amigos. Como conclusão observou-se que a prática de automedicação entre graduandos da Faculdade Ciências da Vida não sofre influência direta do curso que o aluno está inserido, ou da sua área de formação.

Descritores: Automedicação. Influência. Estudantes. Educação Superior.

ABSTRACT

Self-medication is the use of medicines with no prescription of a health professional, and it is a common habit among college students. This study is justified by the need to identify groups in the academic community that have this behavior, and aims to evaluate the influence of the students' major on the practice of self-medication. This is a qualitative, cross-sectional and descriptive research composed by 200 students from the courses of Business, Mechanical Engineering, Nursing and Pharmacy of Faculdade Ciências da Vida. Data were collected through a closed survey and analyzed by descriptive statistics, Kruskall Wallis test, Spearman correlation and Fisher's exact test. Most students were attending the 1st period (21%) and were female (66.5%). 47.15% of the total estimated made use of medications with no prescription, in the last year. In this question, it was observed a significant difference ($p < 0.001$) between the answers of students, as 30% of Engineering students made use of medication without prescription of health professionals, while 46% of Nursing students only medicated through prescriptions. 45% of Pharmacy and 38% of Nursing students self-medicate influenced by the study area, while 17% of Business

* Graduanda em Farmácia, Faculdade Ciências da Vida (FCV). *E-mail:* alzira_diamantina@hotmail.com

** Farmacêutica Bioquímica, Mestre e Doutora em Patologia Geral pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professora do curso de bacharelado em Farmácia na Faculdade Ciências da Vida (FCV). *E-mail:* liliane2cmata@gmail.com

students and 25% of students of Mechanical Engineering are influenced by family and friends. As a conclusion, it was observed that the practice of self-medication among students of the Faculdade Ciências da Vida is not directly influenced by the course the student is inserted or their study area.

Descriptors: *Self-medication. Influence. Students. Education higher.*

1 INTRODUÇÃO

Entende-se como automedicação o uso de fármacos sem recomendação e prescrição de um competente em saúde. Ao se automedicar um indivíduo não é capaz de discernir adequadamente os sinais da enfermidade que o aflige, tão pouco escolher a melhor farmacoterapia a ser utilizada, abrindo espaço para os riscos à saúde associados a automedicação.

Esse estudo é um projeto de pesquisa e baseia-se no fato da automedicação ser uma prática assídua entre universitários em todo o país. Diante disso surge um questionamento relacionado a esse hábito: A área de formação acadêmica influencia os alunos da Faculdade Ciências da Vida a se automedicarem?

Pressupõe-se que a prevalência e frequência desta conduta entre acadêmicos decorrem da interferência da área de formação a qual estão inseridos, sendo os estudantes da área da saúde os que mais se automedicam. Isso se dá pelo fato dos acadêmicos dessa área ter maior conhecimento técnico acerca dos fármacos. Além da área de formação, fatores socioeconômicos, familiares, gênero e ações de publicidade similarmente induzem os estudantes à automedicação.

Esta pesquisa justifica-se devido à automedicação ser uma prática difundida em todo o Brasil tornando-se um problema de saúde pública. Dessa forma existe uma necessidade em conhecer grupos no meio acadêmico que realizam a automedicação e alertá-los quanto aos possíveis riscos à saúde que esta prática pode acarretar.

O objetivo geral da pesquisa foi avaliar a existência de uma possível influência do campo de formação dos estudantes da Faculdade Ciências da Vida na prática de automedicação, com o propósito de apurar se o conhecimento específico acerca dos fármacos os inibe ou estimulam a essa prática. Os objetivos específicos constituem em analisar a prevalência do hábito entre os estudantes e a frequência com que eles se automedicam. Averiguou-se também se tais acadêmicos conhecem os riscos oriundos da automedicação, e por fim identificou-se quais as classes de fármacos mais ingeridas pelos avaliados.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, transversal, de natureza descritiva, na qual foi utilizado o método científico dedutivo. Foi realizada uma avaliação teórica de artigos, teses e dissertações para a elaboração do projeto, e para a pesquisa prática foi utilizado um questionário fechado autoaplicável que coletou dados referentes à automedicação entre discentes da Faculdade Ciências da Vida. A amostra avaliada foi constituída por 200 graduandos dos cursos de Administração, Engenharia Mecânica, Enfermagem e Farmácia.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A automedicação é uma prática antiga e amplamente difundida em todas as partes do mundo, apresentando-se como uma forma de autodiagnóstico e tratamento realizado sem o aconselhamento de um profissional especializado. (CRUZ; CARAMONA; GUERREIRO, 2015). É definida por Souza e colaboradores (2015), como o uso de medicamentos sem determinação de um profissional médico, farmacêutico, dentista, ou outro especializado. Apesar de ser praticado por grande parte da população esse costume oferece riscos e complicações à saúde. (SILVA; ROCHA; DAMASCENO, 2014).

Pode se dizer que no Brasil o costume de se automedicar antecede a chegada dos europeus, por certo os índios já desenvolviam essa forma de autocuidado utilizando plantas medicinais e curandeirismo, que décadas depois ganhou mais força com os escravos no período colonial. Vale ressaltar que naquela época não se conhecia os riscos de consumo de elementos exógenos, e não existia se quer um quarto das substâncias e medicamentos que hoje compõem o mercado farmacêutico. (SILVA; GOULART; LAZARINI, 2014).

O marketing e ascendência das indústrias farmacêuticas, o assedio dos balconistas de drogarias, juntamente com a ânsia pela rápida cura das enfermidades e recobra do bem-estar dos indivíduos, são razões notáveis para o crescimento dessa conduta no mundo (ALVES; MALAFAIA, 2014). Com base nos preceitos da Política Nacional de Medicamentos, da Secretaria de Políticas de Saúde (2000), um medicamento só deve ser utilizado quando for necessário, cumprir parâmetros de segurança e eficácia, e for prescrito e dispensado por profissionais de saúde, seguindo os fundamentos do Uso Racional de Medicamentos. (LIMA; NAVES, 2014).

A prática de se medicar sem instrução médica ou farmacêutica geralmente está relacionada a doenças e incômodos transitórios, de pouca gravidade, com predomínio de

medicamentos isentos de prescrição médica que são comercializados de maneira livre e muitas vezes banal nas farmácias e drogarias do país. (CRUZ; CARAMONA; GUERREIRO, 2015). É comum também automedicar-se com medicamentos armazenados em casa, adquiridos para tratamentos de outras patologias, que muitas vezes não foram seguidos como recomendado pelo prescritor. (PATIL *et al.*, 2014).

Medicar-se por conta própria é comum em quase todas as faixas etárias, porém o aumento dessa prática entre jovens e estudantes de curso superior tem chamado à atenção para os motivos que levam graduandos a se medicarem sem orientação de um profissional capacitado. Este assunto é de extrema relevância, uma vez que universitários têm acesso a muitas informações, sendo considerados membros instruídos da sociedade. Entretanto a automedicação entre eles cresce ano após ano, não se restringindo ao Brasil. (QUINTAL; SARMENTO; RAPOSO, 2015). A prática encontra-se presente na vida de grande parte dos estudantes do mundo, por essa razão este tema vem sendo abordado e discutido por pesquisadores de vários países. (LUKOVIC *et al.*, 2014).

A ingestão de medicamentos de maneira frequente e indiscriminada é comum entre universitários brasileiros de distintos campos de formação. Em pesquisa realizada por Souza e colaboradores (2015), na Universidade do Planalto Catarinense, foi observado que grande parte dos estudantes avaliados assinalou o estresse provocado pelo curso superior como principal motivo que os levaram a essa prática. Segundo Albuquerque e colaboradores (2015), essa conduta é ainda mais apazível para alunos da área da saúde que estudam de maneira aprofundada a farmacocinética e a farmacodinâmica dos medicamentos nos cursos de graduação.

Mais tarde, como profissionais de saúde, esses estudantes provavelmente seguirão a utilizar medicamentos por conta própria segundo Galvin (2014), que destaca alta incidência de automedicação entre profissionais de saúde no Brasil. Vale ressaltar que médicos, farmacêuticos, dentistas, enfermeiros, dentre outros profissionais de saúde, devem promover o manuseio e consumo racional de medicamentos entre a população, por isso é importante se atentar a essa prática quando ainda são estudantes para que sirvam de exemplo no uso consciente de medicamentos.

Alguns pesquisadores acreditam que a área de estudo do aluno tem ação direta no costume de se medicar de forma independente. (RIOS *et al.*, 2013). Presume-se que estudantes da área da saúde, detentores de maior conhecimento sobre os riscos e benefícios de medicamentos, sentem-se mais confiantes para se medicarem por conta própria. Desta forma

deixam de procurar atendimento médico por julgarem capazes de solucionar seus próprios problemas de saúde. (GALATO *et al.*, 2012).

Em estudo realizado por Jesus, Yoshida e Freitas (2013), percebeu-se que 78% dos estudantes de farmácia e 74,56% dos estudantes de medicina de uma instituição de ensino privado de Goiás se automedicam sempre que consideram necessário. Esses alunos têm maior domínio sobre disciplinas de farmacologia e pressupõem que as instruções da bula de medicamentos são o bastante para a compreensão do fármaco e para se medicarem. Desta forma pode se dizer que, quanto mais informações se têm sobre o assunto, menor é o risco atribuído a essa prática por quem recorre a ela. (LUZ *et al.*, 2014).

Em pesquisa realizada por Lukovic e colaboradores (2014), entre estudantes de medicina em uma universidade de Belgrado na Sérvia, os discentes dos últimos anos do curso se automedicavam com mais regularidade em relação aos calouros. Segundo os autores, no estudo foi similarmente observado que a automedicação é predominante entre alunos de pais com baixa escolaridade, sedentários, com características depressivas, traços de ansiedade e entre o sexo feminino.

Espera-se de estudantes e profissionais de saúde o bom senso no manejo e uso de medicamentos e correlatos, sobretudo depois de apresentados a disciplinas e experiências profissionais que atestem os riscos gerados pelo uso irracional de fármacos. (NARCISO, 2013). Todavia, em pesquisa realizada entre graduandos de enfermagem por Silva, Goulart e Lazarini (2014), constataram que mais de 80% dos estudantes de enfermagem avaliados se automedicavam sem qualquer preocupação com futuras complicações de saúde.

Por outro lado, estudantes sem conhecimento específico sobre farmacologia são mais persuadidos por propagandas, familiares e amigos a se medicarem quando expostos a algum problema de saúde. (GALATO *et al.*, 2012). O estudo realizado por Lopes e colaboradores (2014), salienta que estudantes das áreas de exatas e humanas são os que mais utilizam medicamentos sem prescrição. Segundo os autores, o costume de medicar-se de maneira autônoma entre universitários não está ligado apenas à área de formação, mas também pode sofrer influência de gênero, e principalmente aconselhamento familiar e de publicidade de laboratórios farmacêuticos.

Há uma grande interferência da família nesse hábito, que vem desde a infância. É comum pais e familiares próximos medicarem crianças sem orientação e intervenção médica, costume fortemente criticado por órgãos de vigilância em saúde. (GAROFALO; GIUSEPPE; ANGELILLO, 2014). Nesse contexto existe também a ação de vendedores e balconistas de farmácias e drogarias que indicam medicamentos aos clientes exercendo o papel cabível apenas

ao farmacêutico. O objetivo dos balconistas é alcançar uma boa meta de vendas, sendo a segurança do cliente nesse caso irrelevante, esta conduta é perigosa e inadmissível. O Ministério da Saúde aconselha que na percepção de desequilíbrio da homeostasia do organismo é necessário recorrer a um médico, esquivando-se da interferência de balconistas, parentes e amigos. (CASTRO *et al.*, 2013) . De acordo com Sánchez (2014) deve-se tomar cuidado com a solicitude de leigos que incentivem a automedicação.

Em países subdesenvolvidos a medicação autônoma é ainda mais preocupante, pois os acessos a cuidados e informações de saúde são mais escassos em relação a países desenvolvidos, o que leva a população a caminhos perigosos na busca pela recuperação e manutenção da saúde. (S; SELVARAJ; RAMALINGAM, 2014). Sarahroodi e colaboradores (2012) defendem que a automedicação é um problema de saúde pública, e atribuem às autoridades de saúde e aos governos o dever de fornecer informações sobre as vantagens e desvantagens dessa conduta, a fim de conscientizar a sociedade sobre essa prática que muitos julgam ser inofensiva.

De acordo com a organização Mundial de Saúde (OMS), se realizada de maneira responsável, ou seja, associada a informações e instruções efetivas sobre os medicamentos utilizados para curar incômodos menores, a automedicação pode poupar dinheiro e tempo em consultórios médicos e postos de saúde. (SARAHROODI *et al.*, 2012). Contudo, se praticado de maneira irracional esse hábito pode potencializar os riscos de reações adversas e intoxicações, dando mais gastos ao indivíduo, familiares e ao sistema de saúde. (SILVA; ROCHA; DAMASCENO, 2014).

Segundo Luz e colaboradores (2014,) a maioria dos acadêmicos conhecem os riscos à saúde ocasionados por essa conduta, principalmente os estudantes da área da saúde que são mais familiarizados com os mecanismos de ação dos medicamentos, e mesmo assim de acordo com o autor, os graduandos de saúde são os que mais se automedicam. Em pesquisa realizada por Auta e colaboradores (2012) na faculdade de farmácia da Universidade de Jos, Nigéria, alguns estudantes alegaram manter posse de medicamentos em suas residências por precaução, para uso em caso de emergência. A maioria desses medicamentos guardados em casa era proveniente de antigas prescrições.

Um reflexo corriqueiro e extremamente perigoso da automedicação, é a intoxicação medicamentosa, que em ocorrências graves pode levar um indivíduo ao óbito em pouco tempo. Ao se automedicar o leigo ignora as recomendações de especialistas abrindo espaço para uma interpretação equivocada de dosagem e posologia, utilizando uma quantidade de fármaco diferente da recomendada por profissionais e pesquisadores capacitados. (GUALANO *et al.*,

2014). Essa prática também pode mascarar sinais e sintomas de doenças potencialmente graves, causar reações alérgicas e interações medicamentosas quando se utiliza mais de um medicamento na farmacoterapia. (SILVA; ROCHA; DAMASCENO, 2014). Fitoterápicos e plantas medicinais comumente utilizadas pela população, também podem causar problemas à saúde se usados de forma incorreta. (LUZ *et al.*, 2014).

A dependência medicamentosa também é quesito preocupante da automedicação. (MEDEIROS, 2013). Uma vez dependente de uma substância química (nesse caso um fármaco) o organismo humano se torna cada vez mais resistente aos efeitos dessa substância, o que leva o indivíduo a ingestão de doses maiores de fármacos de modo imprudente. Além disso, são frequentes as internações hospitalares em decorrência de interações medicamentosas e reações de hipersensibilidade provocadas por medicamentos utilizados de maneira desacertada e sem receituário. (ALBUQUERQUE *et al.*; 2015).

Os medicamentos mais utilizados por graduandos que se automedicam são os analgésicos, antiácidos, antiinflamatórios, antigripais e vitaminas. (GALATO *et al.*, 2012). Os problemas relacionados à saúde que mais fazem os universitários recorrerem a medicamentos sem prescrição são cefaleias, resfriados, febre e infecção de garganta respectivamente. Observa-se que mesmo cientes da recomendação médica de não utilizar antibióticos sem receita, essa classe de medicamentos aparece entre as mais usadas entre os universitários. (LOPES *et al.*, 2014).

Em uma investigação com discentes de uma Universidade Catarinense, os fármacos listados como mais empregados na automedicação foram às vitaminas, tranquilizantes e analgésicos, na sequência vieram os antidepressivos, ansiolíticos e inibidores do sono. Os estudantes avaliados pelos autores recorreram a essa prática com o intuito de melhorar o desempenho acadêmico, fazendo uso de medicamentos para combater o cansaço e estresse recorrentes no curso superior. Com exceção das vitaminas e analgésicos as outras classes de fármacos devem ser dispensados somente com apresentação e retenção de receita, como cita a portaria 344 de 1998 da Secretaria de Vigilância Sanitária do Ministério da Saúde. (SOUZA; HOELLER; GOETZ, 2015).

De acordo com Souza, Hoeller e Goetz (2015), os estudantes tiveram acesso a esses medicamentos em farmácias e drogarias ainda que não acompanhados por receituário. Outros discentes obtiveram tais medicamentos com parentes e amigos, ou oriundos de antigas prescrições. Os autores também relataram que cerca de 14,77% dos estudantes avaliados reutilizavam prescrições antigas para adquirir novos medicamentos sem nenhuma dificuldade

de aquisição. Grande parte dos graduandos praticantes da automedicação sabe dos riscos associados à prática, mas continuam a recorrer a ela sempre que sentem necessidade.

No estudo efetuado por Mantanari e colaboradores (2014), os medicamentos mais ingeridos por estudantes e pela população em geral são analgésicos, antigripais e antiácidos. Medicamentos que não requerem apresentação de receita médica e por conta disso são comercializados não só em farmácias e drogarias, mas também em supermercados e lojas de conveniência. Para grande parte da sociedade a automedicação é cheia de atrativos que representa economia de dinheiro, praticidade, ganho de tempo e saúde. Por essa razão é necessário informar e conscientizar as pessoas dos perigos ocultos desse hábito sedutor, que parece está acompanhando apenas de ganhos e benefícios. Contudo é um hábito perigoso, que ocasiona sérias complicações de saúde, que pode inclusive custar à vida. (LIMA; NAVES, 2014).

3 MÉTODOS

Foi realizada uma pesquisa de caráter transversal, natureza descritiva e abordagem qualitativa, constituída por alunos de quatro cursos integrados as áreas da saúde e ciências exatas da Faculdade Ciências da Vida, na cidade de Sete Lagoas, Minas Gerais. A amostragem da pesquisa de campo foi composta por alunos do 1º ao 4º período curso de Administração, do 1º e 2º período Engenharia Mecânica, e do 1º ao 10º período dos cursos de Enfermagem e Farmácia da instituição. Foram avaliados graduandos de ambos os sexos e excluídos estudantes dos demais cursos. Os alunos foram escolhidos de maneira aleatória, independente do sexo e idade, tendo como fator de inclusão a matrícula correspondente ao curso requisitado para a pesquisa.

Para a coleta de dados foi empregado um questionário fechado, autoaplicável e replicado. O questionário foi formulado com base no trabalho de Peixoto e colaboradores (2007), com o propósito de colher dados e informações que caracterizassem a prática de automedicação entre estudantes da instituição, e o conhecimento dos mesmos sobre os riscos associados a essa prática. Todos os discentes participantes assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido, certificando-se do sigilo do conteúdo, dos objetivos e relevância do estudo. A pesquisa foi aprovada pela Câmara de Ensino, Pesquisa e Extensão (CENPEX) da Faculdade Ciências da Vida.

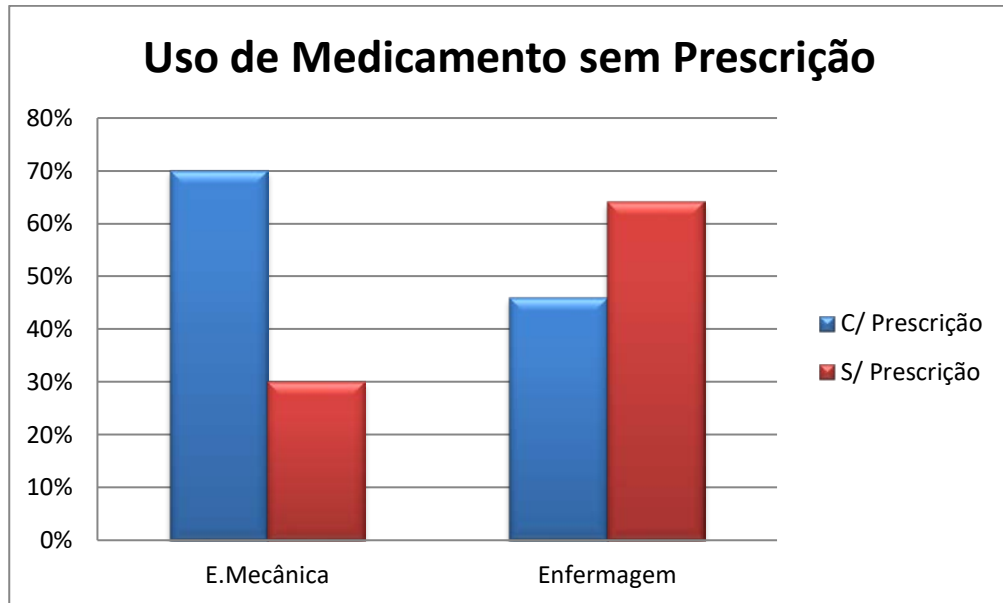
Para análise estatística foi utilizado Teste *Kruskall Wallis* a fim de comparar dados não paramétricos. Na avaliação de uma possível correlação entre a área de formação dos estudantes e a conduta de automedicar-se foi aplicado o Teste *Sperman*. E para qualificar uma dependência entre as respostas e o curso do aluno, o teste estatístico *Exato de Fisher* foi aplicado. Os resultados foram considerados significativos quando o valor de $p < 0,05$.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa teve 200 participantes que voluntariamente responderam as perguntas do questionário, sendo 14% (n=28) alunos de Administração, 22,5% (n=45) alunos de Engenharia Mecânica, 31,5% (n=63) alunos de Enfermagem e 32% (n=64) alunos de Farmácia. Os participantes em sua maioria eram do sexo feminino (66,5%), cursavam o 1º período (21%), e 78% tinham idade entre de 20 e 30 anos. 94,5% dos alunos afirmaram terem feito uso de medicamentos no último ano, e 47,15% deles fizeram uso de medicamentos sem prescrição de profissionais de saúde.

Para algumas pessoas a medicação autônoma representa uma cura barata, rápida e acessível, isso os faz dispensar prescrições e recomendações de profissionais de saúde, abrindo espaço para equívocos terapêuticos resultando em problemas de saúde potencialmente graves. 45,5% dos participantes admitiram se automedicarem esporadicamente. 50,78% se automedicam com frequência e 3,715% disseram não ter o costume de praticar automedicação.

Foi observada uma diferença significativa ($p < 0,001$) entre alunos dos cursos de Engenharia Mecânica e Enfermagem em relação ao uso de medicamento sem prescrição. 30% dos alunos de Engenharia responderam que a maioria dos fármacos usados por eles não foram prescritos por profissionais de saúde, enquanto que 46% dos alunos de Enfermagem fizeram uso de medicamentos mediante prescrições, à maioria médicas, como mostra a representação do gráfico 01. À vista disso, foi constatado que em relação aos estudantes de engenharia, os graduandos de enfermagem são mais conscientes da importância de um profissional capacitado no sucesso e segurança de uma farmacoterapia.



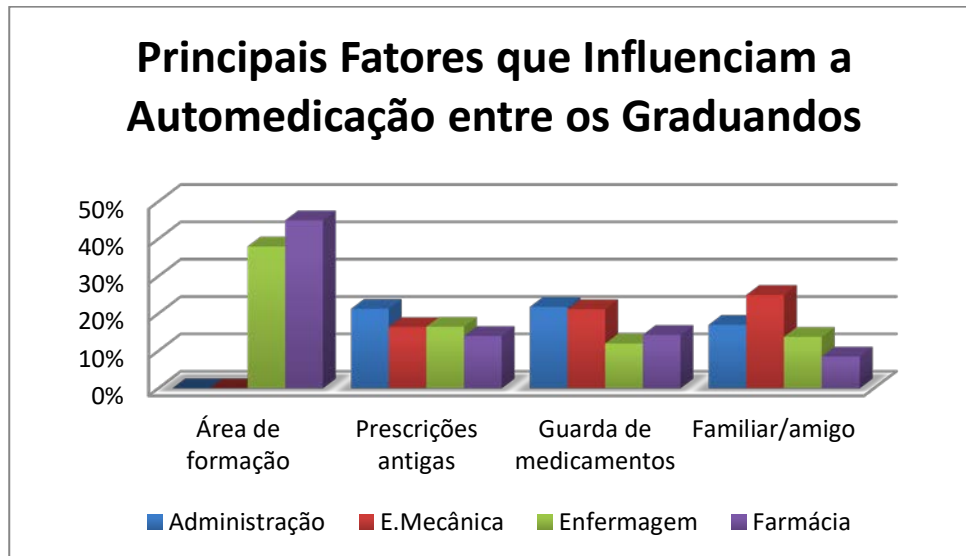
De acordo com Quintal, Sarmento e Raposo (2015), atualmente os jovens em geral possuem grande acesso a notícias, principalmente em mídias sociais. Os estudantes de ensino superior possuem além dessas referências, informações técnicas e esclarecimentos em sala de aula sobre os mais variados assuntos. No entanto 6,7% dos avaliados acreditam que a automedicação não oferece riscos à saúde. Uma parte considerável da sociedade pensa como esses estudantes, subestimando o perigo da automedicação. (SOUZA; HOELLER; GOETZ, 2015).

Entre as classes de medicamentos mais utilizadas pelos estudantes da Faculdade Ciências da Vida, estão em primeiro lugar os analgésicos, utilizados por 25,12% dos avaliados, seguido pelos anti-inflamatórios (20%), antigripais (10,90%), antialérgicos (10,60%), antibióticos (7,70%), vitaminas (6,49%) e antiácidos (5,81%). Entre as mulheres avaliadas, 15,03% assumiram ingerir anticoncepcional oral sem prescrição profissional, prática extremamente perigosa, que pode acarretar em complicações de saúde, principalmente em hipertensas, mulheres com antecedentes de trombose e que tenham doenças hepáticas. (CARVALHO *et al.*, 2014).

Quando questionados sobre o que os influenciavam a se medicarem sem prescrição, houve diferença estatística significativa ($p < 0,001$) nos padrões de resposta. Entre alunos da área da saúde, 45% dos alunos de Farmácia e 38% dos alunos de Enfermagem revelaram se automedicarem por influência da área de formação, devido à base. Já entre os alunos da área de exatas, 17% dos alunos de Administração e 25% dos alunos de Engenharia Mecânica alegaram

que a automedicação foi influenciada por familiares e amigos. Como mostra a representação do gráfico 02.

Gráfico 02



41% (n=82) dos alunos dos quatro cursos participantes da pesquisa alegaram praticar automedicação por manterem posse de medicamentos e antigas prescrições em casa, hábito muito comum entre famílias brasileiras, porém cativo de riscos.

Referente a essa prática, foi percebido que o uso simultâneo de mais de um medicamento ou classe é muito comum entre os avaliados, pois, 39% dos graduandos reconheceram já o terem feito. A maior parte dos estudantes não verificou se existia algum risco ou incompatibilidade entre os medicamentos usados. Esses alunos não sabem ou ignoram o fato de que, o uso concomitante de medicamentos sem a supervisão profissional pode potencializar os riscos de intoxicação e interação medicamentosa, gerando prejuízos financeiros e a saúde. (RIOS *et al.*, 2013).

Questionou-se na pesquisa se os alunos buscaram informações sobre os medicamentos ingeridos antes de os utilizarem, 83% respondeu sim. Os graduandos se informaram principalmente nas bulas dos medicamentos (43,11%) e com parentes e amigos (12,94%). A intervenção e estímulo de amigos e familiares na automedicação é um costume partilhado entre gerações em todo o mundo, e apesar de ser uma forma de cuidado, pode gerar contratempos. Por essa razão, deve ser evitado ao máximo. (GAROFALO; GIUSEPPE; ANGELILLO, 2014).

Alguns graduandos preferiram recorrer à internet (24,73%) a fim de elucidar os mecanismos de ação dos fármacos e tirar dúvidas relativas à medicação. No contexto da

automedicação, a internet pode ser encarada como uma aliada pertinente na promoção à saúde, uma vez que oferece numerosas informações e anúncios que auxiliam o usuário na adesão da terapêutica. No entanto a grande quantidade de informes existentes na rede pode acarretar no uso incorreto de informações ocasionando complicações na terapia medicamentosa. (MARQUES; ÁLVARES, 2014).

15% dos alunos avaliados revelaram ter procurado um farmacêutico em busca de orientação e aconselhamento farmacoterapêutico. Quando requisitado, o farmacêutico esclarece dúvidas recorrentes à medicação, como interações, contraindicação e esquemas terapêuticos, facilitando o entendimento do paciente sobre os benefícios e riscos associados a cada fármaco. (GUEDES *et al.*, 2014). Entre os alunos que buscaram informações sobre os medicamentos utilizados, 84,3% afirmaram terem compreendido as informações recebidas e 63,3% as cumpriram rigorosamente.

Apesar de a automedicação ser um costume comum entre os universitários da instituição estudada, 97,3% dos avaliados relataram que nunca tiveram problemas de saúde relacionados à automedicação. A pesquisa evidenciou que a maior parte dos discentes da Faculdade Ciências da Vida é consciente quanto aos riscos da medicação autônoma e indiscriminada. Ainda assim muitos deles seguem a praticá-la conforme julgam necessário, independentemente da área de formação que pertencem.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aplicada a pesquisa no Campus da Faculdade Ciências da Vida entre os alunos de Administração, Engenharia Mecânica, Enfermagem e Farmácia, observou-se que a maioria dos alunos avaliados se medica somente mediante instrução profissional. Esse número foi mais expressivo entre discentes de saúde que embora possuam maior conhecimento a respeito da terapêutica dos fármacos, recorrem com maior frequência aos profissionais de saúde quando precisam de tratamento farmacológico, principalmente os alunos do curso de enfermagem.

O curso de Administração dispunha de quatro períodos, enquanto o curso de Engenharia mecânica possuía apenas dois períodos até o término da coleta de dados, dessa forma os resultados obtidos limitaram-se aos primeiros períodos desses dois cursos, não sendo possível comparar diferença nas respostas dos alunos no começo e no final da vida acadêmica. A implicação do presente estudo está em averiguar o que influencia a comunidade acadêmica da

Faculdade Ciências da Vida a se automedicar, e se os mesmos entendem com clareza os prós e contras dessa prática, com o propósito de alertá-los sobre os perigos da medicação autônoma.

Analisado se existia influência do campo de formação entre estudantes que praticam automedicação, foi constatado que os graduandos da saúde empregam seus conhecimentos sobre farmacologia como base para a prática, ao passo que estudantes de exatas são mais facilmente influenciados por seus amigos e parentes.

A maior parte dos avaliados praticou automedicação no último ano, e uma parte considerável desses alunos não procuraram ou não seguiram informações e recomendações referentes à farmacoterapia, hábito que tende a gerar problemas e complicações de saúde. O estudo avaliou quatro cursos da instituição, sugere-se aos trabalhos futuros que investiguem a ocorrência de automedicação em todos os cursos que a instituição oferece, a fim de detectar o quão comum esse hábito se tornou entre estudantes de ensino superior.

Contudo, a partir da avaliação realizada e nos testes aplicados na pesquisa, pode-se dizer que não foi observada uma diferença significativa entre as duas áreas investigadas, concluindo-se que a prática de automedicação entre graduandos da instituição não sofre influência direta do curso que o aluno está inserido, ou da sua área de formação.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Larissa Mayara Aristóteles de *et al.* Avaliando a Automedicação em Estudantes do Curso de Medicina da Universidade Federal Da Paraíba (UFPB). **Revista Medicina & Pesquisa**, João Pessoa, v. 1, n. 1, p.39-50, jul. 2015. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/rmp/article/download/18278/13330>>. Acesso em: 12 abr. 2016.

ALVES, Tarine de Araújo; MALAFAIA, Guilherme. Automedicação Entre Estudantes de uma Instituição de Ensino Superior de Goiás. **Abcs Health Sciences**, [s.l.], v. 39, n. 3, p.153-159, jul. 2014. Disponível em: <<https://www.portalnepas.org.br/abcshs/article/view/649>>. Acesso em: 12 maio 2016.

AUTA, A. et al. Medicines in Pharmacy Students' Residence Self-medication Practices. **Journal Of Young Pharmacists**, [s.l.], v. 4, n. 2, p.119-123, abr. 2012. EManuscript Services. <http://dx.doi.org/10.4103/0975-1483.96627>. Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3385216/>>. Acesso em: 30 ago. 2016.

CARVALHO, Aparecida Dieniffer *et al.* Perfil Da Automedicação Em Universitários Da Cidade De Mogi Guaçu. **Foco**, [s. L.], v. 6, n. 5, p.93-108, jun. 2014. Disponível em: <<http://revistafoco.inf.br/index.php/FocoFimi/article/view/46>>. Acesso em: 03 mar. 2016.

CASTRO, Gustavo Loiola Gomes et al. Uso de Benzodiazepínicos como Automedicação: Consequências do Uso Abusivo, Dependência, Farmacovigilância e Farmacoepidemiologia. **Revista Interdisciplinar: Centro Universitário Uninovafapi**, [s. L.], v. 6, n. 1, p.112-123, mar. 2013. Disponível em: <<http://revistainterdisciplinar.uninovafapi.edu.br/index.php/revinter/article/view/21>>. Acesso em: 02 set. 2016.

CRUZ, Pedro Soares; CARAMONA, Margarida; GUERREIRO, Mara Pereira. Uma Reflexão Sobre A Automedicação E Medicamentos Não Sujeitos A Receita Médica Em Portugal (A Reflection On Self-Medication And Non-Prescription Medicines In Portugal). Artigo de Revisão. **Revista Port Farmacoter**. Coimbra, Portugal, 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v17n12/17.pdf>>. Acesso em: 02 abr. 2016.

GALATO, Dayani *et al.* **Automedicação em Estudantes Universitários: A Influência da Área de Formação**. 2012. 8 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Farmácia, Núcleo de Pesquisa em Atenção Farmacêutica e Estudos de Utilização de Medicamentos, Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, Santa Catarina, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v17n12/17.pdf>>. Acesso em: 03 abr. 2016.

GALVIN, Micheli Rita. **Automedicação Entre Profissionais de saúde**. 2014. 41 f. TCC (Graduação) - Curso de Enfermagem, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/112143/000953655.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 09 abr. 2016.

GAROFALO, Luca; GIUSEPPE, Gabriella di; ANGELILLO, Italo F.. Self-Medication Practices among Parents in Italy. **Biomed Research International**, [s.l.], v. 15, n. 1, p.1-8, dez. 2014. Hindawi Publishing Corporation. <http://dx.doi.org/10.1155/2015/580650>. Disponível em: <<https://www.hindawi.com/journals/bmri/2015/580650/>>. Acesso em: 03 set. 2016.

GUEDES, Ronaldo Franco *et al.* O papel educativo do farmacêutico frente ao desafio da implantação da rdc-20/20111: da automedicação ao consumo consciente de antimicrobianos. **Revista eletrônica gestão & saúde**, [s.l.], v. 5, n. 2, p.436-458, jul. 2014. Disponível em: <<http://gestaoesaude.unb.br/index.php/gestaoesaude/article/viewFile/731/pdf>>. Acesso em: 29 set. 2016.

GUALANO, Maria R. *et al.* Use of self-medication among adolescents: a systematic review and meta-analysis. **European Journal Of Public Health**,, Oxford, England, v. 7, n. 1, p.1-7, 04 dezembro 2014. Disponível em: <<http://eurpub.oxfordjournals.org/content/eurpub/early/2014/12/04/eurpub.cku207.full.pdf>>. Acesso em: 02 abr. 2016.

JESUS, Ana Paula Giácomo; YOSHIDA, Nathália; FREITAS, Jaqueline Gleice de. Prevalência da Automedicação Entre Acadêmicos de Farmácia, Medicina, Enfermagem e Odontologia. **Estudos**, Goiânia, v. 40, n. 2, p.151-164, jun. 2013. Disponível em: <<http://seer.ucg.br/index.php/estudos/article/view/2718>>. Acesso em: 18 abr. 2016.

LIMA, Rodrigo Fonseca; NAVES, Janeth de Oliveira Silva. Práticas Educativas Voltadas À Automedicação: Revisão Integrativa. **Revista Eletrônica Gestão & Saúde**, [s.l.], v. 5, n. 1,

p.2830-2849, out. 2014. Disponível em:

<<http://gestaoesaude.unb.br/index.php/gestaoesaude/article/view/1036>>. Acesso em: 12 set. 2016.

LOPES, Wemíria de Fátima Lima *et al.* A Prática da Automedicação Entre Estudantes de Uma Instituição de Ensino Superior de Teresina-Piauí. Revista **Interdisciplinar: Centro Universitário Uninovafapi**, Teresina, Piauí, v. 7, n. 1, p.17-24, mar. 2014. Disponível em: <<http://revistainterdisciplinar.uninovafapi.edu.br/index.php/revinter/article/view/148>>. Acesso em: 01 abr. 2016.

LUKOVIC, Jasminka Adzic *et al.* Self-Medication Practices and Risk Factors for Self-Medication among Medical Students in Belgrade, Serbia. **Plos One**, [s.l.], v. 9, n. 12, p.01-14, 11 dez. 2014. Public Library of Science (PLoS). <http://dx.doi.org/10.1371/journal.pone.0114644>. Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4263675/>>. Acesso em: 26 ago. 2016.

LUZ, Felipe Andrés Cordero *et al.* Perfil Comparativo da Automedicação entre Estudantes da Universidade Federal de Uberlândia. **Horizonte Científico**, [s. L], v. 8, n. 1, p.19-37, jul. 2014. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/horizontecientifico/article/view/22529>>. Acesso em: 11 abr. 2016.

MARQUES, Thais Rodrigues; ÁLVARES, Alice da Cunha Morales. Fatores Associados à Automedicação. **Faculdade de Ciências e Educação Sena Aires**, Valparaíso de Goiás, v. 1, n. 1, p.1-17, dez. 2014. Disponível em: <<http://www.senaaires.com.br/Biblioteca/tcfacesa/farm2014/fatoresassociatomedicacao.pdf>>. Acesso em: 29 set. 2016.

MEDEIROS, Stephanie Barbosa de. **Automedicação e Guarda de medicamentos por Universitários das Áreas de Saúde e Tecnologia**. 2013. 105 f. Monografia (Especialização) Curso de Enfermagem, Laboratório de Investigação do Cuidado, Segurança e Tecnologias em Saúde e Enfermagem, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2013. Disponível em: <<https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/14806>>. Acesso em: 25 abr. 2016.

MONTANARI, Cristina Matiniano *et al.* Automedicação em Acadêmicos de uma Universidade Pública do Sul de Minas Gerais. **Tempus, Actas de Saúde Colet.**, Brasília, v. 8, n. 4, p.257-268, dez. 2014. Disponível em: <<http://www.tempusactas.unb.br/index.php/tempus/article/view/1596>>. Acesso em: 19 abr. 2016.

NARCISO, Ana Paula Salgueiro. **Prevalência da Automedicação nos Alunos do Mestrado Integrado em Ciências Farmacêuticas da ULHT**. 2013. 64 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Farmácia, Ciências Farmacêuticas, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia, Lisboa, Portugal, 2013. Disponível em: <[http://recil.grupolusofona.pt/bitstream/handle/10437/3969/Dissertação Automedicação alunos MICAnaNarciso.psequence=1](http://recil.grupolusofona.pt/bitstream/handle/10437/3969/Dissertação%20Automedica%C3%A7%C3%A3o%20alunos%20MICAnaNarciso.psequence=1)>. Acesso em: 12 maio 2016.

PATIL, Shivaraj.b. *et al.* Self-Medication Practice and Perceptions Among Undergraduate Medical Students: A Cross-Sectional Study. **Journal Of Clinical And Diagnostic**

Research., [s.l.], v. 8, n. 12, p.20-23, dezembro, 2014. JCDR Research and Publications. Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/25653969>>. Acesso em: 07 set. 2016.

QUINTAL, C; SARMENTO, M; RAPOSO, V. Fatores Explicativos do Consumo de Medicamentos Não Sujeitos a Receita Médica em Portugal. **Acta Farmacêutica Portuguesa**, Coimbra, Portugal., v. 4, n. 1, p.53-66, ago. 2015. Disponível em: <<http://www.actafarmacaceuticaportuguesa.com/index.php/afp/article/view/60>>. Acesso em: 21 mar. 2016.

RIOS, Matheus Ferreira *et al.* Perfil da Automedicação dos Alunos de Uma Escola Técnica do Sul de Minas Gerais. **Unincor: Revista da Universidade Vale do Rio Verde**. Três Corações, Minas Gerais, v. 11, n. 2, p.420-431, dez. 2013. Disponível em: <<http://revistas.unincor.br/index.php/revistaunincor/article/view/1154>>. Acesso em: 06 out. 2016.

S, Ganesh kumar; SELVARAJ, Kalaiselvi; RAMALINGAM, Archana. Prevalence of self-medication practices and its associated factors in Urban Puducherry, India. **Perspectives In Clinical Research**, [s.l.], v. 5, n. 1, p.32-37, 2014. Medknow. <http://dx.doi.org/10.4103/2229-3485.124569>. Disponível em: <<http://www.picronline.org/article.asp?issn=2229-3485;year=2014;volume=5;issue=1;spage=32;epage=36;aulast=Selvaraj>>. Acesso em: 12 set. 2016.

SANCHÉZ, Jesús. Self-Medication Practices among a Sample of Latino Migrant Workers in South Florida. **Frontiers In Public Health**, [s.l.], v. 2, n. 1, p.01-07, 4 ago. 2014. Frontiers Media SA. <http://dx.doi.org/10.3389/fpubh.2014.00108>. Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4121528/>>. Acesso em: 02 set. 2016.

SARAHROODI, Shadi et al. Pattern of self-medication with analgesics among Iranian University students in central Iran. **J Fam Community Med**, [s.l.], v. 19, n. 2, p.125-129, 2012. Medknow. <http://dx.doi.org/10.4103/2230-8229.98302>. Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/22870417>>. Acesso em: 28 ago. 2016.

SECRETARIA DE POLÍTICAS DE SAÚDE. Política Nacional de Medicamentos. **Rev. Saúde Pública: Informes Técnicos Institucionais Do Ministério da Saúde**. São Paulo, v. 34, n. 2, p.206-209, abr. 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsp/v34n2/1960.pdf>>. Acesso em: 29 set. 2016.

SILVA, Flávio Martinez da; GOULART, Flávia Cristina; LAZARINI, Carlos Alberto. Caracterização da prática de automedicação e fatores associados entre universitários do curso de Enfermagem. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, [s.l.], v. 16, n. 3, p.644-651, 30 set. 2014. Universidade Federal de Goiás. <http://dx.doi.org/10.5216/ree.v16i3.20850>. Disponível em: <https://www.fen.ufg.br/fen_revista/v16/n3/pdf/v16n3a20.pdf>. Acesso em: 07 set. 2016.

SILVA, Edson A. R.; ROCHA, Maria Dos Anjos; DAMASCENO, Eurislene M. A. Automedicação Em Acadêmicos Do Primeiro E Último Ano Do Curso De Farmácia Da Faculdade De Saúde Ibituruna Em Montes Claros – MG. **Revista Brasileira de Pesquisa em Ciências da Saúde**. Montes Claros, Minas Gerais, 2014. Disponível em <<http://www.icesp.br/revistas-eletronicas/index.pdf>>. Acesso em: 03 abr. 2016.

SOUZA, Layz Alves Ferreira *et al.* Prevalência e Caracterização da Prática de Automedicação para Alívio da Dor Entre Estudantes Universitários de Enfermagem. **Rev. Latino-am. Enfermagem**, [s.l], v. 19, n. 2, p.1-7, abr. 2011. Disponível em: <<http://rlae.eerp.usp.br/>>. Acesso em: 23 set. 2016.

SOUZA, Marli Adelina; HOELLER, Bruna; GOETZ, Everley Rosane. Estudo Comparativo da Automedicação Praticada Por Estudantes dos Cursos das Áreas de Ciências da Saúde, Humanas, Exatas e Sociais Da Universidade do Planalto Catarinense – UNIPLAC. **Infarma Ciências Farmacêuticas: Conselho Federal de Farmácia**, Brasília, DF, v. 27, n. 2, p.142-148, 06 jun. 2015. Disponível em: <<http://revistas.cff.org.br/?journal=infarma&page=article=756>>. Acesso em: 02 abr. 2016.

APÊNDICE

QUESTIONÁRIO SOBRE AUTOMEDICAÇÃO
ENTRE ALUNOS DAS ÀREAS DA SAÚDE E
EXATAS DA FACULDADE CIÊNCIAS DA VIDA

Sexo:

Feminino Masculino

Idade _____

Curso: Administração Engenharia Mecânica

Enfermagem Farmácia

Período _____

1. Fez uso de medicamento no último ano?

Sim Não

Se a resposta for NÃO você já terminou de responder o questionário, se a resposta for SIM, por favor, continue a responder o questionário.

2. A maioria dos medicamentos utilizados no último ano foram prescritos por profissionais de saúde?

Sim Não

2.1 Se a resposta da pergunta anterior for **SIM**, qual profissional?

Médico Farmacêutico Dentista

Enfermeiro Outro

2.2 Costuma praticar automedicação?

Sim, mas raramente Sim, com certa frequência Sim, com muita frequência Não

3. Você acha que a automedicação pode oferecer riscos a saúde? Sim Não

4. Quais foram as classes de medicamentos que você ingeriu no último ano sem a prescrição ou indicação de um profissional da saúde habilitado?

Analgésicos Anti-inflamatórios

Antibióticos Anticoncepcionais

Antiácidos Antigripais Vitaminas

Tranquilizantes Antidepressivos

Ansiolíticos Inibidores do sono

Antialérgicos

5. Já se automedicou com mais de uma classe de medicamentos ao mesmo tempo?

Sim Não

5.1 Se a resposta da pergunta anterior for **SIM**, responda se verificou se existiam incompatibilidades entre os medicamentos que tomou. Sim Não

6. A automedicação foi influenciada por:

Familiar ou amigo Prescrições anteriores

Profissional de saúde (não médico)

Publicidade (TV, jornais, revistas, internet)

Tinha em casa sem prescrição médica

seu conhecimento sobre medicamentos por ser um estudante de saúde

7. Antes de se automedicar procurou informações sobre o medicamento? Sim Não

7.1 Se a resposta da pergunta anterior for **SIM**, responda onde obteve essas informações:

Bula Internet Farmacêutico

Enfermeiro Parente ou amigo

7.2 As informações recebidas foram compreendidas? Sim Não

7.3 As informações recebidas foram cumpridas rigorosamente? Sim Não

8. Surgiu algum problema de saúde relacionado à medicação ingerida na automedicação?

Sim Não